

humanitas



Vol. LXIII
2011

Exemplos como o mencionado abundam na narrativa de Apuleio e constituem, a par da intrincada sintaxe, uma das maiores dificuldades que se põem ao tradutor. Neste aspecto particular, a tradução de DFL oferece grandes satisfações. O conhecimento do texto latino, bem como da sua discussão crítica, da bibliografia e das teses em conflito sobre aspectos concretos do texto reflectem-se na tradução coerente e elegante, que traduz a vivacidade e a complexidade do texto de Apuleio e a sua linguagem multifacetada, simultaneamente concreta e alegórica, idílica e filosófica, conceptual e poética. Para terminar, resta saudar a publicação isolada do conto cujo interesse ultrapassa as fronteiras que confinam os valores de uma leitura recreativa. Na verdade, além de estrutura que cristalizou no tempo, sob forma escrita, elementos e segmentos narrativos oriundos da cultura popular, entrelaçados com complexos conceitos filosóficos, cruzados ainda com uma intencionalidade alegórica, o *Conto de Amor e Psique* constitui-se igualmente como uma das narrativas-base da longa cadeia intertextual da literatura ocidental – percepção a que a sua publicação autónoma dará certamente reforço.

CLÁUDIA TEIXEIRA

ARÁTOR, *História Apostólica. A Gesta de S. Paulo*. Tradução do Latim, introdução e notas de José Henrique Manso. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010, 126 pp. ISBN: 978-989-8281-60-9; ISBN Digital: 978-989-8281-61-6 [Classica Digitalia Vniuersitatis Conimbrigensis].

O autor deste trabalho apresenta uma introdução onde aborda duas temáticas (recepção do autor e o seu percurso de vida), tendo, em seguida, a tradução anotada de *A Gesta de S. Paulo* em que inclui algumas epístolas, que habitualmente acompanham o poema: duas a abrir e uma a encerrar. Surge ainda uma lista bibliográfica e um sempre útil índice onomástico que, no entanto, aparece limitado ao texto da tradução, com exclusão dos *tituli*, e não abrangendo a introdução.

Tratando-se de um autor medieval que tem poucas referências na bibliografia nacional é, naturalmente, de saudar o aparecimento deste livro que, com excepção de alguns pormenores que adiante apontaremos, surge de forma séria e consistente.

O autor opta por traduzir em jeito de verso os hexâmetros iniciais, sendo, no entanto, claro que optou por uma tradução em prosa.

Quer a introdução quer a tradução aparecem numa linguagem es-correita e clara e, no caso da tradução, é evidente a preocupação em ser fiel ao original (o que foi conseguido salvo, eventualmente, alguns aspectos de pormenor).

A obra apresenta, porém, alguns aspectos menos conseguidos ainda que, sob certo ponto de vista, possam ser considerados de pormenor.

Começemos pelo nome do autor: a versão portuguesa apresenta sempre (desde a capa até à última página) *Arátor* e este é um verdadeiro problema. Sendo o nome latino *Arator*, *Aratoris*, o nome em português terá de ser *Arator* (derivado do acusativo) e não *Arátor*. Ainda poderíamos admitir que a forma utilizada (derivada do nominativo) pudesse ser justificada por uma longa tradição de uso, como acontece com o nome *Cícero*, mas, como é óbvio, não há comparação possível entre os dois autores e, além disso, há contributos recentes¹ em que o nome aparece na sua forma correcta. Assim, deve seguir-se a norma que, aliás, até está disponível em livro: *Índices de nomes próprios gregos e latinos*² da autoria de Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto, João Maria de Teves Costa Ureña Prieto e Abel Nascimento Pena.

Na página 54, nota 7, o autor identifica uma referência bíblica do livro do *Êxodo* como pertencente a 15.23-25, mas, na realidade, trata-se de uma confusão. No passo que o autor indica, Moisés transforma água imprópria para consumo em água potável através do seu cajado, tal como, aliás, é referido na nota; mas o texto de *Arator* aponta para uma situação diferente: Moisés faz jorrar água potável de um rochedo batendo-lhe com o cajado e a descrição desse acontecimento surge realmente em *Êxodo*, mas em 17.1-7.

Como todos sabemos é praticamente impossível publicar um livro sem que, posteriormente, sejam detectadas algumas ‘gralhas’. Acontece que, neste caso, nem foram detectadas muitas, mas não posso deixar de apontar duas.

¹ Manuel Cadafaz de Matos, “Culturas e língua grega em Portugal e outras regiões da Península entre os séc. XV e XVIII (seis momentos para a compreensão e estudo da sua dinâmica): *Revista Portuguesa de História do Livro e da Edição* 24 (2009) 243-300.

² Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995.

A primeira tem a ver com outro nome próprio Êutico, que aparece grafado correctamente na maior parte dos casos, mas, pelo menos uma vez, aparece sob a forma de Eutico (p. 32).

A segunda aparece na página 14, onde é utilizada a palavra *reimprimida*, quando deveria ser *reimpressa*.

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

ARISTÓTELES. Partes dos Animais. In: *Obras Completas*. Tradução, introdução e notas de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010. v. 4, t. 3.

A importância da obra biológica de Aristóteles, embora sempre tenha sido objeto de estudos e reflexões, vem sendo, sobretudo nas duas últimas décadas, retomada a partir de sua importância não só no campo da Filosofia da Ciência, mas, sobretudo, em suas relações e interlocuções com a *Metafísica*, a *Ética* e a *Política*.

Nesse sentido, a tradução completa do pequeno tratado aristotélico sobre as *Partes dos Animais*, pela primeira vez traduzido integralmente para a Língua Portuguesa,³ em edição com cuidadosa tradução, contendo uma acurada introdução, notas explicativas e informativas, além de dois importantes índices – um com listagem dos animais estudados e outro com os principais “conceitos” utilizados por Aristóteles –, é aplaudida não só por todos os estudiosos do pensamento de Aristóteles e Platão, mas, também, por todos aqueles que se dedicam ao estudo da Antiguidade Clássica, da Biologia, da Zoologia, da Antropologia e saberes afins, pois as reflexões do Estagirita estão agora a todos disponibilizadas.

A importância do texto acerca das *Partes dos Animais* pode ser coligida desde sua influência filosófica asseverada em toda a crítica à dialética platônica, fundada no método da *diáresis* que parece estar circunscrita, como indica M. G. F. Schalcher,⁴ ao procedimento argumen-

³ Em 1999, Lucas Angioni, publicou a tradução do Livro I do tratado, ficando os demais livros ainda desconhecidos na língua portuguesa. Cf. Angioni, L. *As Partes dos Animais*, Livro I. Tradução e comentário por Lucas Angioni. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*. Campinas, série 3, v. 9, n. especial, 1999.

⁴ Schalcher, M. da G. F. F. As relações entre *diáresis* e definição no